



9 • Correio Braziliense — Brasília, terça-feira, 22 de abril de 2025

Bolsas Na quinta-feira Na segunda-feira	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias	Dólar Na quinta-feira	Salário mínimo	Euro Comercial, venda na quinta-feira	CDI Ao ano	CDB Prefixado 30 dias (ao ano)	Inflação IPCA do IBGE (em %)
1,04% São Paulo	2,48% Nova York	127.682	R\$ 5,803 (-1,05%)	R\$ 6,600	14,15%	14,36%	Novembro/2024 0,39 Dezembro/2024 0,52 Janeiro/2025 0,16 Fevereiro/2025 1,31 Março/2025 0,56
		14/4 15/4 16/4 17/4	Últimos				
			11/abril 5,870 14/abril 5,851 15/abril 5,890 16/abril 5,865				

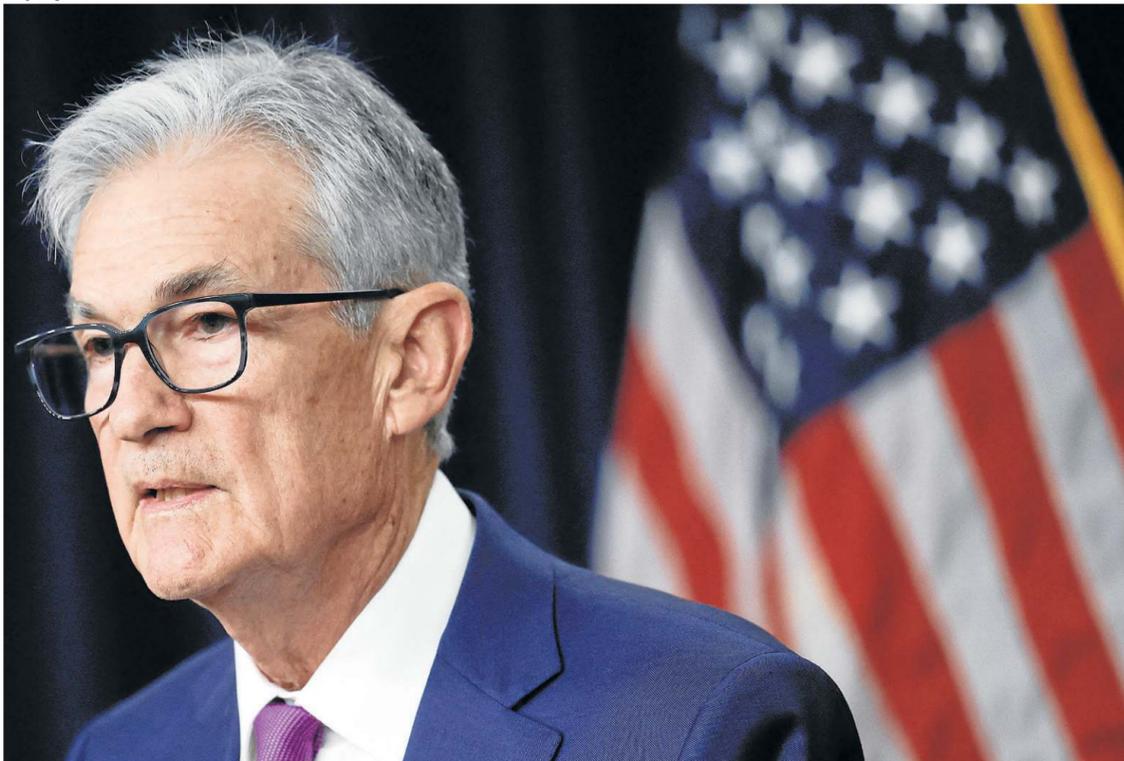
GUERRA TARIFÁRIA

Trump mantém ataques a Powell

Presidente dos EUA volta a criticar presidente do Fed e as bolsas norte-americanas abrem semana em queda generalizada

» RAFAELA GONÇALVES

Getty Images via AFP



Presidente do Fed, Jerome Powell não para de receber críticas de Donald Trump, que o indicou para o cargo em 2018, no primeiro mandato

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, voltou a atacar o comandante do Federal Reserve (Fed, banco central norte-americano), Jerome Powell, e a pedir cortes nas taxas de juros enquanto toma medidas de efeito inflacionário. O republicano acusou o chefe da autoridade monetária de favoritismo político sobre a gestão anterior, do ex-presidente Joe Biden.

"Muitos estão pedindo por 'cortes preventivos' nas taxas de juros", escreveu Trump, ontem, no Truth Social. O republicano retomou o argumento de que "praticamente não há inflação" no país e se referiu a Powell, indicado por ele em 2018, no primeiro mandato, como "Sr. tarde demais".

"Com esses custos em uma tendência de queda tão agradável, exatamente como eu previ, quase não pode haver inflação, mas pode haver uma desaceleração da economia, a menos que o Sr. tarde demais, um grande perdedor, reduza as taxas de juros, agora", afirmou.

Trump destacou ainda que o Banco Central Europeu (BCE) já reduziu os juros sete vezes. "Powell está sempre 'atrasado demais', exceto no período de eleições, quando baixou juros para ajudar o sonolento Joe Biden, e depois Kamala [Harris]. E no que deu isso?", emendou.

Em Nova York, os três principais índices fecharam com quedas superiores 2%, em meio aos ataques de Trump contra o presidente do Fed e ao sentimento de fuga de ativos de risco. O Índice Dow Jones recuou 2,48%, e o Nasdaq, das empresas de tecnologia, 2,46%.

Desde a semana passada, o presidente norte-americano vem disparando críticas recorrentes ao dirigente do Fed. Ele chegou a estudar sua demissão, conforme afirmações do diretor do Conselho Econômico Nacional, Kevin Hassett, principal assessor

econômico da Casa Branca.

Em janeiro, pouco depois da posse de Trump, o Fed interrompeu o ciclo de cortes iniciado em setembro de 2024. Em março, a taxa de juros americana foi mantida no intervalo de 4,25% a 4,5% ao ano, na segunda reunião seguida de manutenção da taxa básica.

As incertezas geradas pelo aumento de tarifas de importação impostas por Trump têm impacto direto na inflação, tornando o cenário mais incerto para a redução dos juros. O tamanho da dívida é outra preocupação de Trump e, com juros mais altos, a dívida dos Estados Unidos também fica maior.

Powell já sinalizou que as medidas protecionistas de Trump são risco para as metas do Fed, que tem como missão garantir os preços estáveis assim como o pleno emprego. Segundo ele, a guerra tarifária pode complicar a capacidade da instituição de controlar a inflação e, ao mesmo tempo, maximizar o mercado de trabalho.

Mercados

Conselheiros de Trump teriam o alertado de que uma eventual demissão de Powell seria problemática, tanto do ponto de vista legal quanto financeiro, causando queda significativa nos mercados.

"O que a gente mais deixa em desdado para alerta é uma eventual descredito do mercado em relação ao dólar e ao banco central norte-americano, que é uma instituição centenária e respeitada", avaliou Ian Lopes, economista da Valor Investimentos.

O Fed é uma instituição independente do governo americano e tem um modelo parecido com o adotado no Brasil a partir de 2021, quando passou a valer a independência do Banco Central brasileiro. O presidente não pode demitir um dirigente de uma agência independente, no entanto, o governo Trump tenta derrubar essa proibição.

Lopes ponderou que as políticas de manutenção dos juros devem ser perseguidas caso o aumento das tarifas proposto por Trump continue. "O que a gente fica mais em alerta é prezamos por instituições independentes e quando isso acontece (uma demissão) gera uma desconfiança absurda e, com certeza, vai gerar um eventual estresse no mercado", avaliou.

Em dia de feriado prolongado de Páscoa na Europa e na Austrália e Dia de Tiradentes no Brasil, as bolsas internacionais que estavam abertas apresentaram desempenhos distintos ontem. Tóquio e Taipé, por exemplo,

fecharam com queda de 1,3% e de 1,49%, respectivamente. Shanghai e Seul subiram 0,4% e 0,2%.

Ruídos

Embora o Fed tenha resistido formalmente a pressões políticas em mandatos anteriores, inclusive durante o próprio governo Trump, os ruídos políticos seguem influenciando as expectativas de mercado e elevando a volatilidade dos ativos, observou Felipe Uchida, sócio da Equus Capital. "A decisão sobre cortes de juros permanece sob responsabilidade do Fed, guiada por indicadores como inflação, emprego e crescimento. Ainda assim, declarações como as de Trump criam uma narrativa de urgência que pode distorcer a percepção de risco e influenciar em projeções de curto prazo."

Para o Brasil, os analistas avaliaram que esse ambiente tende a tornar o câmbio mais volátil e aumenta a incerteza no controle da inflação, já que a política monetária local pode precisar reagir a choques externos mesmo em um contexto de desaceleração doméstica.

Segundo João Kepler, CEO da Equity Group, as críticas públicas de Trump ao presidente do Fed adicionam uma camada extra de incerteza ao já frágil equilíbrio dos mercados globais. "Quando o principal líder da maior economia do mundo sugere uma interferência política sobre a autoridade monetária independente, as expectativas dos investidores se desancoram", destacou.

"Para países emergentes como o Brasil, isso se traduz em fuga de capital, volatilidade no câmbio e maior dificuldade para controlar a inflação — especialmente quando o Banco Central precisa reagir a choques externos mesmo em um ambiente doméstico de desaceleração", acrescentou Kepler.

SEMINÁRIO

Correio debate propriedade intelectual

» FRANCISCO ARTUR DE LIMA

A importância da pesquisa, da inovação, e da defesa das patentes, assim como seus impactos econômicos serão temas do seminário *Propriedade Intelectual: desafios e avanços na proteção e inovação*, realizado pelo Correio em parceria com Associação da Indústria Farmacêutica de Pesquisa (Interfarma).

O evento, no formato summit, será realizado na próxima terça-feira (29/4), no auditório do Correio, em Brasília. Especialistas e autoridades convidadas devem abordar assuntos relacionados aos desafios da propriedade intelectual para empresas de pesquisas na área de saúde, assim como os impactos sociais da inovação de medicamentos para os pacientes. Além de apresentar novos dados sobre o sistema de

patentes no Brasil, debatedores devem abordar os desafios para a integração da propriedade intelectual do Brasil às melhores práticas do sistema internacional.

Entre os nomes confirmados para o evento, destacam-se o jurista e ex-ministro da Justiça José Eduardo Cardozo, além de Renato Porto, presidente da Interfarma e Julio Cesar Castelo Branco Reis Moreira, presidente do Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI). Os painéis terão a mediação dos jornalistas do Correio Denise Rothenburg e Carlos Alexandre de Souza.

Concessão de patentes

A concessão de uma patente no país é feita pelo INPI, autarquia federal vinculada ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Mdic). O prazo

para concessão do direito exclusivo concedido pelo estado ao inventor de uma invenção é de até seis anos, em média. Concedido direito ao inventor, o prazo legal da patente será de 20 anos.

Embora a previsão atual seja de seis anos, o período para que o governo conceda uma patente no Brasil pode chegar a nove anos e seis meses, de acordo com levantamento publicado em janeiro pela Pharmaceutical Research and Manufacturers of America (PhRma). "A solução passa pelo fortalecimento do INPI de forma a prover o órgão com recursos para a prestação eficiente dos serviços", informou a Interfarma, em nota.

Além de ser uma demanda do setor farmacêutico de pesquisas no Brasil, a redução do prazo para concessão das patentes é encarada como prioridade pelo

governo. Segundo o INPI, há uma série de medidas em andamento para que o prazo de análise das patentes seja reduzido para três anos ainda em 2025. "Esse prazo deve chegar a dois anos até 2026, com ações complementares do INPI", disse o instituto.

A Interfarma reconheceu que há argumentos para a concessão da recomposição do prazo de direito à exclusividade temporária de patentes. E, nesse sentido, defendeu a necessidade de discutir uma alteração na Lei de Propriedade Industrial para prever um mecanismo de recomposição de prazos para patentes que sofram atrasos injustificados no processo de análise do INPI. Segundo a entidade, a proteção das patentes é fundamental para garantir a continuidade dos investimentos em pesquisa e desenvolvimento pelas empresas que inovam.

Ed Alves/CB/D.A Press



Ex-ministro José Eduardo Cardozo tem presença confirmada no evento